

O PLANEJAMENTO E A AVALIAÇÃO DOS PROCESSOS ENSINO E APRENDIZAGEM NA VISÃO DE PHILIPPE PERRENOUD E MARCOS MASETTO

Eli Aparecido Cardoso¹ Jorge Luiz Knupp Rodrigues²

¹ Universidade de Taubaté/Aluno do MBA – Gerência Empresarial – Programa de Pós Graduação em Administração e Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional – PPGDR, Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro – 12020-040 – Taubaté/SP. elifix51@hotmail.com

² Universidade de Taubaté/Professor do Programa de Pós-graduação em Administração. PPGA. Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional – Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro - 12020-040 – Taubaté/SP. jorgeknupp@gmail.com

Resumo - Este trabalho demonstrará algumas linhas de pensamento sobre o planejamento e avaliação utilizados na educação e colocados sob o enfoque de autores como Philippe Perrenoud e Marcos Masetto. Demonstrará em duas épocas, duas formas de colocar em prática o ensino e a aprendizagem; uma como estática e outra voltada para a ação e a participação. Este trabalho propõe uma forma de encarar o Planejamento voltado para a Educação e a Avaliação como ponto de apoio ao que foi planejado. Este artigo visa demonstrar a visão de Perrenoud e Masetto de como deveriam ser os processos de ensino e de aprendizagem. Como os formadores deveriam entender o processo de Planejamento e o processo de Avaliação. O ensino e a aprendizagem como uma meta ou um alvo a ser alcançado e desenvolvido constantemente e ativamente no decorrer de toda a formação educativa. O principal objetivo é conduzir o leitor ao entendimento sobre Planejamento e Avaliação como contribuições ou meios para instrumentalizar ações voltadas aos processos de ensino e de aprendizagem através de Masetto e Perrenoud.

Palavras-chave: Planejamento; Avaliação; Processos ensino e aprendizagem

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas

Introdução

Este trabalho busca demonstrar o que os autores Perrenoud (1999) e Masetto (1996) prescrevem sobre planejamento e avaliação. Pretende-se transcrever o entendimento dos autores e colocar suas contribuições para que o leitor possa se familiarizar-se com seus ideais, justificando também com outros autores a mesma dinâmica em direção do ensino e da aprendizagem. Para tornar mais rico este texto é feito uma revisão da obra de outros autores como Gadotti (2000), Libâneo (2001), Luckesi (2000), Padilha (2001), Turra (1995), Souza (1992), Vasconcelos (1995) e Veiga (2002) que demonstram suas posições político-pedagógicas a respeito do planejamento e avaliação.

Cabe destacar que alguns aspectos importante não são levados em consideração nos processos de ensino e de aprendizagem até os dias atuais, como a participação coletiva. A participação nos diversos níveis da escola, pode contribuir para melhor utilização dos recursos humanos, econômicos, financeiros e físicos; definir melhor o calendário, os conteúdos e métodos ensino e de planejamento e de avaliação; pensar no planejamento como um processo rotineiro; pode

ainda reforçar o comprometimento, os conhecimentos, as habilidades e as competências.

Este trabalho insiste na questão da educação formativa, do pensar em todas as circunstâncias; da mudança como foco de aculturação e qualificação e do agir com foco no ensino-aprendizagem.

Metodologia

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa cujo delineamento utilizado foi o bibliográfico. Segundo Vergara (2000) o método bibliográfico caracteriza-se pelo estudo sistematizado, desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Ainda segundo a autora, a pesquisa bibliográfica fornece instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma, como no caso do presente estudo.

Planejamento

Segundo PADILHA (2001), o planejamento é praticamente um ato de reflexão, de profundo

pensar sobre os meios, focando os objetivos mais a frente, é um processo de equilíbrio de meios, melhorando o funcionamento de empresas, de instituições, de atividades humanas, concretizando em objetivos alcançados, prazos definidos os resultados das avaliações. É um processo de decisão dos professores na realização do trabalho pedagógico. Consolida-se através de um plano que é a "apresentação sistematizada e justificada das decisões tomadas relativas à ação a realizar.

Isto também podemos ver em Turra et al (1995), que definem o planejamento como um processo de tomada de decisões com objetivo de racionalização das atividades do professor e do aluno, na situação de ensino e de aprendizagem. Ainda segundo Turra et al (1995), todo planejamento deve se voltar na sua consecução física ou seja, através de um plano projetado para existir e ser avaliado e reavaliado sempre que necessário buscando compartilhar os ideais com a comunidade, registrando momentos e épocas, repensando os fatos registrados em determinada sociedade; o qual deve refletir a política educacional de um povo, inserido no contexto histórico, que é desenvolvida a longo, médio ou curto prazo.

Para Libâneo (1993), o plano escolar é um documento global que expressa orientações gerais e sintetizam as ligações do projeto pedagógico da escola com os planos de ensino propriamente ditos. O planejamento é um ato consciente de todos em prol do melhoramento de seu próprio envolvimento com a educação e com idéias de crescimento tanto pessoal quanto político e social. Todas as ações e interações dos indivíduos estão permeadas por atitudes e atividades físicas, reais e conscientes em prol do ensino e da aprendizagem.

Assim, criar um projeto de vida, um projeto de futuro é uma atitude pensada e intencionada como demonstra Vasconcellos (1995), identificando que o projeto pedagógico é um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, principalmente, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita ressignificar a ação de todos os agentes da instituição.

Planejar é organizar ações, afirma Masetto (1996). É um ato político-ideológico, que procura evocar a necessidade do envolvimento de todas as partes nesse entendimento, escola em seus diversos níveis institucionais, todas as suas disciplinas, séries, em sua totalidade ou em suas partes e agrupamentos. Planejar deve levar em consideração também a questão da própria avaliação como processo corrente e vivo, periódico e como instrumento de trabalho.

O plano escolar deve conter os objetivos que traduzem resultados esperados, tanto gerais como específicos que abrangem áreas distintas do processo de aprendizagem, devem envolver conhecimentos, habilidades e atitudes onde o aluno é o sujeito de sua aprendizagem e apoiado por um facilitador, por material didático, bibliografia e cronogramas, buscando um tema integrador e com conteúdos temáticos que facilitem o atingimento de seu objetivo tendo também uma avaliação voltada para o feedback (MASETTO, 1996).

Portanto, o planejamento não deve ser confundido com um simples plano de início de ano onde o restante fica a cargo do processo repetitivo das matérias e das pesquisas para suprimento de necessidades individuais, classicistas e classificadoras de pessoas. A perspectiva principal a ser observada se traduz no cenário da escola juntamente com seus alunos. Veiga (2002), afirma que a escola não deve esperar que instâncias superiores assumam o papel de dar e complementar a educação e o envolvimento de todos no ensino e na aprendizagem. Insiste no pensamento de que a escola precisa reafirmar seu voto em prol da relação de educação entre escola e sistemas de ensino.

Masetto (1996), afirma que planejar é um ato intencional onde cada orientador ou facilitador organiza-se para o período que vai se juntar a vários participantes que também buscam atividades intencionais particulares. É organizar ações para a realização de tarefas agradáveis e muitas vezes em comum, com alvos traçados e retraçados até que se chegue ao resultado esperado. Na hora de se planejar ficam explicitados os valores e as crenças de cada pessoa, características pessoais e marcantes de cada um, intenções, pensamentos e vontades, anseios, as visões de futuro, o que pleiteamos perante a educação, como desejamos do mundo que nos rodeia, por isso Masetto (1996) afirma ser um ato político-pedagógico e um instrumento de ação educativa e formativa.

Como um ser pensador e modificador de seus pensamentos, Masetto (1996) lança seu intento de mudar e reformular a forma de gerir esse entendimento da educação baseado na formação completa, no pensar e repensar, buscando o feedback para alçar novos vôos no ensino e na aprendizagem. Projeta para diante de si esse ideal político-pedagógico buscando o entendimento necessário para se quebrar esse paradigma da educação voltada somente para o modelo passivista.

Deve-se evitar a todo custo o planejamento que foge as regras citadas anteriormente uma vez que se tornam escravizantes do facilitador que não estiver atento, uma vez buscando as facilidades

de seguir uma dinâmica de cursos já estruturada corre-se o risco de agir impulsivamente e sem pensar nos resultados que podem advir durante a execução das atividades escolares. Aos poucos deve-se executar e avaliar freqüentemente para se adaptar e melhorar o andamento dos projetos futuros e colher bons resultados.

Deve se trabalhar as habilidades, buscar outras para complementar as já adquiridas, como exemplo disso, realizar a confecção de relatórios, buscar relacionar essa atividade, com os aspectos reais da vida cotidiana. Sobre isso encontramos apoio em Masetto (1996) quando afirma que planejar é produzir e planejar ações, para a vida, para a consecução de qualquer projeto.

A consecução de todo o planejamento se materializa na forma de um plano, um documento que sintetiza todos os anseios do orientador e do professor perante seus alunos e a escola; exige-se a formalidade, uma escrituração e uma reflexão para que todos os passos e atividades elencadas possam ser realizados. É um roteiro simples, direto e prático para ser seguido e se preciso for, alternado, com diretrizes claras e objetivas. Como todo documento escrito, compõe-se de: Identificação, objetivos, conteúdos, estratégias, avaliação, cronograma e bibliografia. Tal plano deve ser entendido como um Instrumento de ação para o professor e para o aluno, sempre de acordo com as normas educacionais. Este plano tem um alcance e uma amplitude de ação muito ampla, podendo partir e atingir uma cidade, ou somente a escola envolvida, tudo dependendo do interesse do facilitador. A primeira parte do plano é a identificação; donde colocamos os dados referentes ao curso, escola, série, grau, ano, turno, disciplina, professor e turma, entre tantos outros detalhes possam aparecer.

Os objetivos a serem alcançados representam aquilo que os interessados almejam, sempre estruturado de forma a serem plenamente atingidos ou adaptados com tal fim. Quando o professor coloca isso no papel, praticamente se estabelece a relação de atividades que ambos aluno e professor pretendem atingir, além disso, orienta o professor quanto ao que deve atingir e as formas para atingir. Os objetivos gerais são mais amplos e os específicos mais simples de serem atingidos uma vez que representa o desmembramento do global. Podem ser desmembrados em conhecimentos, habilidades e atitudes. Conhecimentos que os alunos podem ir ganhando durante o período letivo com sua análise, estudos, interpretação hipóteses, pesquisas e outros. Habilidades representam tudo que o aluno vai aprender a fazer desenvolvendo suas capacidades intelectuais, afetivas e outras, pensando, relacionando comparando em equipe e

questionando. Já as atitudes são baseadas em comportamentos, valores, crenças, por exemplo, buscando resolver sua curiosidade científica, se comunicando. Como características básicas componentes desse processo, o plano deve ser: realista, apresentando veracidade das necessidades de seu processo; deve ser viável e possível de ser alcançado.

Pode-se utilizar o estudo do meio, a natureza, um bairro, uma cidade, como forma de integrar as disciplinas, pesquisando, relacionando, levantando informações, debatendo os resultados, ao lado dos alunos ficam os professores e orientadores para realização dos trabalhos. Os professores interagem com os alunos, observando e analisando, agendando visitas e controlando materiais. Nessa atividade não predominam divisões. Pode se utilizar o estudo de tema comum como forma de integração como, por exemplo, Pantanal, motivando Língua Portuguesa, Geografia e Educação Artística para comporem suas atividades; compondo um seminário onde os alunos poderiam apresentar seus temas; deve-se observar o item tempo para essa modalidade. Pode-se utilizar também a integração por objetivos onde a escola se dispõe a destinar recursos materiais e estruturais para realização de muitas atividades.

Os conteúdos a serem dados também merecem atenção, pois há estruturas já prontas onde as matérias não podem ser trocadas ou rearranjadas tornando pouco atraentes ao aluno. Conteúdos são os temas ou assuntos que são estudados durante o período letivo, são selecionados em estreita ligação com os objetivos a serem alcançados. Os conteúdos devem ser atuais e atualizados, contemporâneos à vida do aluno, conteúdos interessantes e adequados a idade, que integrem conhecimentos de varias matérias incentivadores, que despertem a curiosidade pelo saber, desafiadores, que apontem para o futuro, são grandes aliados do facilitador no momento escolar. Veiga (2002), cita também a vantagem de exercitar o poder da liberdade de escolha, onde a escola passa pela relativa autonomia para delinear sua própria identidade, resgatando seu espaço publico, seu lugar de debate, de dialogo fundado na reflexão coletiva. Buscar tal organização constitui ousadia para os educadores, pais, alunos e funcionários.

Vale lembrar que para toda boa integração devemos observar se há a real participação e envolvimento de todos nos processos de ensino e de aprendizagem, caso contrário fatalmente tornar-se há um processo a ser tolerado ou inviabilizado pelos anos vindouros.

Podemos colocar como requisitos fundamentais para um bom planejamento participativo a aplicação de métodos científicos

para auxiliar a pesquisa e os estudos investigativos educacionais. Essa formulação pode colocar em pauta um novo e mais sólido meio para a busca de informação qualificada auxiliando o ensino e a aprendizagem formativa. Também observar a necessidade de cada um procurando corrigir os excessos ou as faltas dentro de um período letivo enxugando e adaptando possíveis lacunas para o atingimento dos objetivos propostos.

Outra característica importante citada por Masetto (1996) é a avaliação que deve ser trabalhada e observada em seus aspectos intrínsecos de educação. A avaliação deve trabalhar aspectos como a reflexão, quando deve-se pensar “para que executar uma avaliação?”, “o que devemos focar?”, “que meios vamos utilizar?”, “com quem vamos trabalhar?”, “quais meios para se promover uma situação ou um grupo de pessoas de forma a chegar ao entendimento final?”.

Tais planejamentos podem nortear até a conclusão final sem que ocorram erros, improvisos ou desvios de foco. A avaliação deve ter valores de visão crítica e autocríticas buscando conhecer as necessidades e realidades a serem exploradas, explicadas, compreendidas, entendidas, bem como estabelecer relações. A avaliação, para Veiga (2002), deve ser um instrumento de inclusão social, formativa, questionadora, compreensiva de problemas que envolvem a realidade escolar sem ser excluyente e ser a propulsora das alternativas de ação para o momento coletivo; deve realizar a avaliação constante e diagnóstica nos processos de ensino e de aprendizagem, como veremos a seguir.

Avaliação

Para Gadotti (2000), o ato de avaliar é um ato de liberdade pois essa idéia fica atrelada ao ato de que “vale tudo para aprender”, indo muito além de uma simples reciclagem ou assimilação de conhecimentos. Hoje possuímos muitas formas de adquirir conhecimentos, indo desde um debate público e das avaliações permanentes nas escolas. O ato de ensinar a pensar fica desvinculado de rótulos ou regras e de distâncias, há uma enorme facilitação na procura pela informação que se necessita. Cabendo à escola e ao interessado a busca pelo seu aprimoramento a qualquer instante e local. O indivíduo torna-se provocador e criador de mensagens e não apenas um sujeito passivo e adquirente.

Souza (1992) nos lembra que a avaliação é tida tradicionalmente como o momento do controle do conhecimento, onde o aluno estuda para fazer a

prova na tentativa de passar ou não, muitas vezes nem se lembra o que estudou, mas através de regras memorizadas enfrenta o momento fatídico da prova sem nem ao menos entender o que leu ou estudou.

Para Luckesi (2000), a avaliação da aprendizagem deve ser vista como um ato amoroso, acolhedor, integrativo e inclusivo. Já para Perrenoud (1993), a avaliação não é um fenômeno recente, existe desde a antiguidade, porém, aspectos marcantes estão vivos nos dias atuais como as questões de dominações que criam verdadeiros paradigmas sociais. Através de aspectos classificatórios ainda se perpetuam algumas classes.

Para Perrenoud (1993), nós vivemos uma época de crise de valores, cultura e perda do sentido da escola. A avaliação está no centro de todas as situações que subjagam as pessoas e as classificam em ganhadoras ou perdedoras. Com esse argumento coloca em choque regras, procedimentos e regulamentos institucionais e educacionais afirmando que mudanças devem ir ao encontro à pedagogia formativa. A avaliação exige mudanças nas relações familiares, escolares individuais, organizacionais, didáticas, metódicas, pedagógicas, relacionais, políticas, documentais, sistemáticas, pessoais, psicológicas, profissionais e outras tantas práticas (PERRENOUD, 1993).

Para que isso ocorra, segundo Masetto (1996) é necessário a participação de todos, isto é, que todos os níveis da escola se envolvam e sejam acompanhado por um processo de avaliação. É importante que todos julguem o que é necessário para a criação de um evento escolar, do planejamento do calendário escolar, das atividades interdisciplinares, das atividades extra-classes, das palestras com visitantes, do envolvimento com a comunidade na resolução de trabalhos escolares que visem o bem comum e o desenvolvimento da grade curricular escolar. Elementos e pessoas, professores, pais e familiares, amigos de bairro, clubes de atividades esportivas, parques de diversões, praças, prédios de instituições públicas, bibliotecas, salas de atividades, de aulas, residências de equipes de alunos, todos devem e podem ser envolvidos no buscar entendimento para se atingir um nível de ensino e aprendizagem.

Para Perrenoud (1999), as relações advindas e geradas a partir da escola nos dias atuais tem causado verdadeiros desmandos sociais e desarranjos nas formas de transformação das sociedades, os nossos jovens não têm evoluído adequadamente, e em muitos casos a escola deixa de formar, abandonando seus objetivos principais e sua missão.

Na didática e métodos de ensino, ficariam os professores abertos para o entendimento e pela

busca de formas de avaliar e produzir meios de buscar conhecimentos, gerando grande volume de trabalho inicialmente, mas com aptidões para a concretização de novas formas de ensino e de aprendizagem, baseados em competências e saberes adquiridos, firma-se então um novo contrato, o aluno sai do estático e indo em busca do que precisa para suprir seus objetivos, saber negociar ajuda, lança-se em direção da formação, pensa que quer aprender e deseja isso, isso representa uma grande mudança de paradigma.

No tocante as satisfações pessoais e profissionais a questão torna-se inquietante, pois a palavra mudança se encontra no bojo de tudo. Tanto para diretores quanto professores a questão é de difícil decisão, pois envolve aspectos como o tempo de serviço, aspectos financeiros, bem como aspectos sociais e políticos. Para Perrenoud (1999), o professor atualmente defende erroneamente esse status de educador que não forma ninguém com maestria, possuidor de um diploma e com poder para atribuir a nota que deseja sem ser molestado, pois tem medo das mudanças; isso é comodismo, tem medo de não conseguir mais reprovar ou aprovar ninguém, pois outras formas de avaliações podem ser permitidas, entre tantos outros medos.

De acordo com Perrenoud (1999), no momento ela é necessária, pois o caos educacional impera a passos largos em direção da deformação humana e sócio-política; existe uma complexidade a ser vencida; ultrapassar o desencorajamento que é o que move o pesquisador, o estudioso, o profissional; o tradicionalismo impede a renovação das praticas e contratos; é necessário mudar as regras em direção da formação integral do caráter sistêmico, pois não existe método pronto.

Considerações finais

Tanto Perrenoud (1999) como Masetto (1996) nos indicam que é possível trabalhar em conjunto com alunos, famílias, comunidade e a sociedade em geral; o que se torna imperativo nos dias atuais é desapegar do lugar comum e se colocar em pronto para o enfrentamento de uma época que tenderá a vir com instrumentos e planejamentos desconfortantes para quem não estiver preparado para trabalhar a quantidade de informações disponíveis.

A educação é uma área rica em informações e meios para se buscar com qualidade o que se deseja; ensinar e aprender, mas principalmente aprender a aprender, aprender a ensinar serão tarefas muito solicitadas por parte de todos. Não devemos esperar pelas contribuições dadas por instituições ou amigos, a era do "jeitinho brasileiro" está ficando cada vez mais sem caminhos a

trilhar; a modernidade e a globalização estão cruelmente colocando em risco aqueles que não planejam direito, aqueles que não souberam entender o real significado de avaliar.

O ensino-aprendizagem está dando seus sinais de que possui uma excelente clientela e que veio prá "fincar bandeira" e "marcar terreno", totalmente disposta a superar desafios e aprender com amor e compromisso o verdadeiro sentido da educação formativa com tendências a estabelecer uma mudança salutar em prol daqueles que verdadeiramente buscam melhorar-se profissionalmente e pessoalmente. Atualmente as palavras mais observadas são: mudanças, focar objetivos e agir. Por conseguinte a educação também tem de dar sua contribuição em prol do ensino-aprendizagem e da educação formativa.

Referências bibliográficas

- GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- _____. **Educação e Poder** - Introdução à Pedagogia do Conflito. São Paulo: Cortez, 1988.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão escolar**: teoria e prática. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.
- LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2000.
- MASETTO, Marcos Tarcísio. **Didática: A Aula como Centro**. São Paulo: FTD, 1996.
- PADILHA, Paulo R. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez: Inst Paulo Freire, 2001.
- PERRENOUD, Philippe 1999. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens, entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- TURRA, Clódia Maria Godoy et al. **Planejamento de ensino e avaliação**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1995.
- SOUZA, Angela Maria Calazans de. **A avaliação no processo de construção do Conhecimento**. Belo Horizonte: Revista Amae – Educando, 1992.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertad, 1995.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. Campinas: Papyrus, 2002.